

## UM OLHAR PARA A MILITÂNCIA NO *FACEBOOK*: A DISCURSIVIZAÇÃO DO(S) ENUNCIADO(S) (ANTI)FEMINISTA(S)\*

Filipe Santos Guerra (CAPES/PPGLin/UESB)  
Márcia Helena de Melo Pereira (PPGLin/DELL/UESB)  
Ana Claudia Oliveira Azevedo (FAPESB/PPGLin/UESB)<sup>1</sup>

**Resumo:** A internet e as mídias digitais, cada vez mais presentes em nossas vidas, têm instituído uma nova forma de elaborarmos/recepcionarmos discursos. Tendo em vista a pertinência do tema e considerando que se faz necessário pensarmos nas prerrogativas que o uso da língua(gem) associado às tecnologias digitais pode trazer para a nossa sociedade, tencionamos analisar a materialização do discurso nessas mídias digitais. Mais especificamente, lançamos um olhar sobre a discursivização do(s) enunciado(s) (anti)feminista(s) em *posts* de *Facebook*, *website* de alto alcance e que conta com diversas formas de interação. Nosso objetivo é investigar como os discursos dialogam entre si, percebendo as vozes sociais que ecoam deles e a(s) relação(ões) dialógica(s) que se estabelece(m) entre o conteúdo de *posts* de *Facebook* e seus comentários. Os dados foram analisados a partir da arquitetônica e do dialogismo bakhtiniano. Em vista disso, utilizamos como aporte teórico do trabalho as assertivas de Bakhtin e seu Círculo (1997; 2012; 2014) acerca da teoria da análise dialógica do discurso (ADD) e as contribuições de Cortes (2015) e Grigoletto (2011) sobre o espaço virtual. Verificamos que a enunciação nas mídias digitais entrega muito mais ferramentas de feitura/recepção de discursos aos seus enunciadores/interlocutores. Confirmamos que o *Facebook* conta com uma base sociocultural extremamente produtiva para estudos de Linguagem e(m) Sociedade. Concluímos, também, que nossas palavras não “tocam” as coisas, mas entranham-se na camada de discursos sociais que revestem as coisas, uma vez que o dialogismo é resultado de um embate de vozes, algo que ocorre com frequência nas mídias digitais.

**Palavras-chave:** dialogismo; discursivização; facebook; feminismo; militância.

### 1 Considerações iniciais

Desde o final do século XX, com a popularização da *internet* (criada a partir de pesquisas militares em meio à Guerra Fria) e das tecnologias digitais, o mundo vem tentando se adequar a essa “nova ordem mundial”, denominada por Xavier (2009) de *tecnocracia*. Com o surgimento das mídias digitais, novas maneiras de enunciar e recepcionar discursos<sup>2</sup> também surgiram. Começamos a nos posicionar sócio-historicamente em um ciberterritório que tem instituído à sociedade uma configuração textual diferente de tudo o que já havíamos visto e experienciado, sobre a qual os discursos estão se *hipertextualizando*.

Xavier (2009) define como *hipertexto* um texto plástico, não-linear e multidimensional, o qual mescla, no cenário da cibercultura, os papéis de autor e leitor, em um processo de “dessacralização do autor”. Esse processo é impulsionado pela *internet*, haja vista que, por meio dela, qualquer usuário pode estabelecer com o que lê/vê/ouve na rede uma interação sem qualquer precedente, livre, inclusive, de restrição ou análise editorial.

A *internet* e as redes sociais digitais nos proporcionaram, enquanto sociedade, a exposição e a divulgação dos nossos posicionamentos político-ideológicos em larga escala,

---

\* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

<sup>1</sup> Agradecemos à CAPES e à FAPESB pelo financiamento da pesquisa, que ocorreu por meio de bolsas de fomento aos discentes pesquisadores. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessas instituições.

<sup>2</sup> Tendo em vista a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), adotada nesse artigo, entendemos discurso, consoante Bakhtin (2010), como a concretude da língua, quando esta é utilizada por agentes sociais que estabelecem e representam suas posições valorativas na enunciação.

pois a democratização do ativismo sobre os mais diversos assuntos que cingem o seio social viabiliza a qualquer pessoa anônima/não pública o angariamento de capital social<sup>3</sup> em suas publicações, o que pode gerar uma discussão saudável sobre as temáticas e problemáticas levantadas nos *posts*, a qual contribui para o desenvolvimento crítico dos sujeitos, ou, por outro lado, criar uma cena enunciativa propícia à aparição de uma cultura autoritária, ultraconservadora, baseada em um fundamentalismo religioso que tem grande participação nos discursos de ódio difundidos atualmente e que assumem feições neofascistas em escala ampliada.

Dado o exposto, considerando a atualidade e a importância do assunto para as teorias do Texto e do Discurso, tencionamos analisar a materialização do discurso nas mídias sociais digitais, mais especificamente no *site* de relacionamentos *Facebook*. Nosso objetivo é investigar como os discursos dialogam entre si, percebendo as vozes sociais que ecoam deles e a(s) relação(ões) dialógica(s) que se estabelece(m) entre o conteúdo de *posts* de *Facebook* e seus comentários.

Os dados serão analisados a partir do dialogismo bakhtiniano, o qual, segundo Rodrigues e Xavier (2019), teoriza que a língua tem de dar conta das relações sociais e das relações entre indivíduos, de forma que precisa ser tomada sem que se desconsidere as condições materiais/verbais de acontecimentos. Além do dialogismo, nos reportaremos, também, à teoria da arquitetônica bakhtiniana, a qual será tomada por nós, em conformidade com Queiroz (2017), enquanto a sistematização do sentido no “todo englobante” de um enunciado, que se efetiva em um ato responsável, como potência no ser singular e interagindo com o outro e com a esfera ideológica em um certo tempo-espaço.

Para isso, utilizaremos como referencial teórico basilar do trabalho as assertivas de Bakhtin e seu Círculo (1997; 2012; 2014) acerca da teoria da análise dialógica do discurso (ADD), mais especificamente fazendo uso dos conceitos de criação ideológica e dialogismo e as contribuições de Cortes (2015) e Grigoletto (2011) sobre o espaço virtual. Além disso, elegemos o(s) enunciado(s) (anti)feminista(s) discursivizado(s) em *posts* de *Facebook*. Explicaremos o motivo da escolha e os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho na seção a seguir. Posteriormente, analisaremos e discutiremos teoricamente os dados, para, então, fazermos nossas considerações (não) finais.

## 2 Delineando o trabalho: ambiente de pesquisa e coleta de *corpus*

O ambiente de pesquisa escolhido foi o *site* de relacionamentos *Facebook*. A escolha se deu por essa rede social ser de alto alcance e, por conta disso, se constituir um ótimo lugar para o debate de questões sociais. Para além disso, o *Facebook* viabiliza aos seus usuários diversas formas de interação.

Dentre as problemáticas sociais que circundam a sociedade hodierna, decidimos lançar um olhar para a(s) militância(s) feminista(s) (e suas opositoras), uma vez que, consoante Adichie (2014), há um grande problema de gênero a ser resolvido em nossa sociedade.

No que se refere ao processo de geração de dados, o *corpus*<sup>4</sup> foi construído por dois exemplares de *posts* publicados em perfis de *páginas/comunidades* do *Facebook* (e separados, neste artigo, em três figuras), sendo de caráter público todas as postagens coletadas.

<sup>3</sup> Em se tratando do mundo virtual, para Costa (2012), *capital social* representa o engajamento de um *post* em uma rede social, que pode ser mensurado a partir da quantidade de interações (curtidas, comentários etc.) que uma publicação consegue alcançar.

<sup>4</sup> O *corpus* deste artigo adveio de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida pelos pesquisadores entre os anos de 2018 e 2019, com auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa contou com um total de trinta *posts* de *Facebook* com temática (anti)feminista.

### 3 Descortinando o post de Facebook: análise e discussão teórica dos dados

Nesta seção, buscamos apresentar a dinamicidade da linguagem utilizando excertos do site Facebook, a fim de explicitar as construções de sentido realizadas pelos usuários desta rede social e também como essas construções reverberam nos diálogos estabelecidos entre os discursos, observando as vozes sociais que ecoam deles e a(s) relação(ões) dialógica(s) que se estabelece(m) entre eles.

A seguir, tratamos de uma publicação feita pela página “Feministas – mulheres fortes”. O conteúdo do *post* que escolhemos analisar é uma paródia que faz crítica a uma declaração de Damares Regina Alves, advogada, pastora evangélica brasileira e atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro, a qual afirmou coadunar da opinião, por conta de sua profissão de fé, de que a mulher deve ser submissa ao homem no casamento<sup>5</sup>. Vejamos:

**Figura 1:** Postagem que satiriza o discurso religioso de submissão feminina.



**Fonte:** Página das *Feministas – mulheres fortes* no Facebook<sup>6</sup>.

A publicação acima apresenta um acentuado caráter semiótico, abarcando vários signos em uma mescla de formas distintas de linguagem. *A priori*, temos, na figura 1, a tela do pintor francês Jean Benner (Salomé, de 1899), que representa a filha de Herodias com a cabeça do profeta João Batista em um prato, personagens descritos nas narrativas contidas na Bíblia Sagrada. A imagem carrega uma representação histórica de cunho religioso e a ironia da publicação procura confrontar as convicções da Ministra, que embasa suas afirmações na

<sup>5</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/damares-repete-que-no-casamento-mulher-submissa-ao-homem-23603765>. Acesso em: 03 ago. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/feministasreal/photos/a.143470956242410/427462737843229>. Acesso em: 28 jul. 2020.

religião cristã. A antífrase utilizada na postagem destaca a crítica das feministas ao discurso de Damares, pois marca que a subjetivação delas é diferente da subjetivação da Ministra, que marca seu lugar sócio-histórico e político-ideológico enquanto seguidora do cristianismo.

Seguindo a análise, sobre a imagem de Salomé, temos a frase “a mulher deve servir o homem”. Isso contribui para a construção da ironia, figura de linguagem de que as feministas lançam mão no *post*, uma vez que fazem uso de uma imagem em que uma mulher carrega a cabeça de um homem em um prato, imitando a maneira através da qual uma pessoa serve alimento à outra.

Os recursos linguísticos usados no *post* conferem ao texto o (efeito de) sentido<sup>7</sup> pretendido. O artigo definido “o” é utilizado em lugar de “ao”, para marcar que o sentido proposto é o de servir “o” homem (assim como um alimento é servido) e não servir “ao” homem (estar submissa ao homem). Além disso, o *post* de *Facebook* possibilita que dois tipos de ironia sejam discursivizados: a ironia *verbal* (também conhecida nas gramáticas como ironia *instrumental*), cuja fonte é o próprio falante que a expressa, e a ironia *observável* (também denominada nos compêndios normativos da Língua Portuguesa de ironia *situacional*), cuja fonte não é a mente do indivíduo, e sim a circunstância irônica da realidade.

Para Bakhtin (1997, p. 284), a construção composicional se apresenta como “[...] determinados tipos de construção do conjunto, [...] tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva — com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro etc.”. Desse modo, a construção de sentido exposta no *post* em análise alcança êxito, pois é capaz de dialogar de forma satisfatória com seus parceiros, apesar de sua complexidade composicional. Esta complexidade é produto das condições de possibilidade de flexão dos gêneros do discurso aliadas à criatividade do agente do discurso. Nesse sentido, dentro da esfera digital e dos suportes de *internet*, as possibilidades de dinamismo comunicacional tornam-se cada vez mais elásticas.

Vale ressaltar que, como vimos no *post* anterior, a *internet* e, mais especificamente, as mídias digitais sociais, criaram uma atmosfera vasta e muito propícia à exposição e difusão de ideias e opiniões. Nesse ciberterritório, em que gente comum e celebridades são canceladas<sup>8</sup> e descanceladas em questão de minutos, é possível conhecer os mais renomados teóricos dos mais diversos assuntos, como também se conectar, sem saber, com um assassino em série ou ser vítima do mais insuspeito mau-caráter.

A democratização do debate sobre assuntos gerais tem seus pontos positivos e negativos: de um lado, é possível ter discussões que levam a resoluções de muitas das problemáticas atuais enfrentadas por nós enquanto sociedade, mas, de outro, valores ultraconservadores podem ser expostos e ódio gratuito pode ser destilado.

Isso se aplica à figura a seguir, a qual exemplifica o funcionamento de um *post* no *Facebook* e, conseqüentemente, as temáticas debatidas nessa rede social de alto alcance. Vejamos:

<sup>7</sup> *Efeito de sentido* é uma expressão cunhada por Pêcheux, pai da Teoria da Análise de Discurso (AD) Francesa. Segundo o autor, o efeito de sentidos entre interlocutores é o que constitui o discurso (Pêcheux, 1969).

<sup>8</sup> O “cancelamento” pode ser definido como um ataque à opinião pública em relação a uma pessoa. Diferente de um ataque comum, este ameaça até mesmo o emprego e os meios de subsistência (tanto os atuais quanto os futuros) da pessoa cancelada. Esse fenômeno é bastante corriqueiro nos Estados Unidos e hoje abarca todo o mundo, atingindo pessoas públicas e anônimas. Recentemente, um movimento contrário a esse fenômeno protagonizou debates nas redes sociais e uma “carta contra à cultura do cancelamento” começou a ser organizada e foi assinada por vários famosos, a exemplo da escritora britânica J. K. Rowling e do linguista e ativista político Noam Chomsky.

**Figura 2:** Postagem que satiriza o Feminismo Marxista.



Fonte: Página das *Mulheres contra o feminismo* no Facebook<sup>9</sup>.

Nesse *post*, primeiramente, vemos, no título da página, “Mulheres contra o feminismo”, o posicionamento político-ideológico dos administradores do conteúdo, que aparentam ser contra o movimento feminista.

O Círculo de Bakhtin considera qualquer enunciado como ideológico. Consoante Medvedév (2012), a criação ideológica é social e histórica, sendo impossibilitada, por conta disso, uma redução à sua mera superfície empírica, muito menos uma limitação no mundo de uma “consciência individual”. Levando isso em consideração, os produtos da criação ideológica, qualquer um deles, são objetos revestidos de materialidade, ou seja, constituem elemento concreto e integralmente objetivo da realidade prática dos seres humanos.

Além disso, para o Círculo de Bakhtin, os indivíduos não têm relações não mediadas (diretas) com a realidade, isto é, o real nunca é dado ao sujeito de maneira “crua”. Desse modo, segundo Faraco (2009) o mundo só ganha sentido para o ser humano no momento em que é semiotizado. Assim, ao passo que a interpretação dos signos está diretamente associada a uma dimensão axiológica, a relação do indivíduo com o mundo é traspassada por valores.

Em decorrência disso, é possível ler o mundo através de várias grades, como é o caso dos criadores e consumidores de conteúdo da página supracitada, que se mostram contra o Feminismo, movimento que, segundo Adichie (2014), acredita e luta pela igualdade social, política e econômica entre os sexos.

O que se vê na figura 2 corrobora o que é dito por Cortes (2015), a qual defende que a noção de virtual ultrapassa os seus aspectos tecnológicos, uma vez que a sua contribuição envolve, também, o espaço físico e o discursivo, sendo este estudado articuladamente à história, influenciado pela exterioridade. Segundo Grigoletto (2011), o espaço virtual (representado pela *internet*) é constituído no entremeio dos espaços empírico e discursivo,

<sup>9</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.312878995472143/448742585219116>.

Acesso em: 13 jul. 2020.

espaços estes dos quais carrega marcas ou traços. Desse modo, para ela, pensar discursivamente a constituição do ciberespaço e da *internet* requer, também, uma reflexão acerca dos efeitos ideológicos produzidos a partir daí. Nessa reflexão, é preciso se considerar, necessariamente, que a *internet* aparece em condições sociais historicamente determinadas e afetadas pela ideologia.

É importante destacar, também, o conteúdo do *post* em questão. Nele, encontramos uma tirinha que tenta mostrar uma relação de causa e consequência entre o uso de determinadas palavras, o ato de dançar certos ritmos musicais, a utilização de roupas específicas e uma gravidez precoce e indesejada. Na legenda da imagem, são levantados temas como “relativismo moral” e “falta de valores e responsabilidade”, e estes são associados pelos(as) administradores(as) da página ao Movimento Feminista, o qual, segundo eles, está diretamente ligado ao “marxismo cultural”.

Essa afirmação poderia ser rebatida com facilidade, posto que em vista às demandas existentes, o Movimento Feminista se divide, hoje, em várias vertentes. A título de exemplo, temos: 1) Feminismo Interseccional; 2) Feminismo Negro; 3) Feminismo Radical; 4) Feminismo Marxista; 5) Transfeminismo; dentre outros.

Esse ocorrido salienta algo muito comum na *internet*: a divulgação de informações advindas do senso comum como se fossem verdades absolutas, comprovadas por pesquisas científicas, o que induz muitas pessoas a internalizarem, defenderem e compartilharem as famigeradas *Fake News*<sup>10</sup>.

Vale observar, também, como esse tipo de *post* é recebido por usuários da rede social *Facebook* que interagem com ele. Vejamos os exemplos abaixo, que são comentários retirados da postagem contida na figura 2, analisada anteriormente:

**Figura 3:** Comentários da postagem que satiriza o Feminismo Marxista.



**Fonte:** Página das *Mulheres contra o feminismo* no *Facebook*<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> *Fake News*, em livre tradução, seriam “notícias falsas”. Atualmente, a divulgação de notícias acontece por meio de redes sociais como o *WhatsApp*, o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, fenômeno que está sendo estudado por teóricos, a exemplo de Leandro Karnal, como “seleção afetiva de identidade”, que seria a tendência a credibilizar mais uma notícia dada por um amigo/familiar do que por um conceituado portal de notícias.

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.312878995472143/448742585219116>.

Acesso em: 13 jul. 2020.

Nos comentários favoráveis ao *post*, vemos posicionamentos como o de que as letras das músicas de *funk* são verdadeiros roteiros de filmes pornográficos e até o de que a Rede Globo de televisão está por trás disso. Já os comentários contrários ao *post* em questão trazem argumentos como o de que um bebê não brota simplesmente de uma palavra de baixo calão, uma saia e uma dança; e o de que não se deve relacionar a defesa da liberdade da mulher com a gravidez precoce, uma vez que esta última está ligada à falta de educação sexual e de informação.

Para Bakhtin/Volochínov (2014), a essência da linguagem não é passível de ser explicada através de um ato psicofisiológico individual ou pela língua enquanto sistema de regras fechado em si mesmo. Diferente disso, a natureza da linguagem, para o Círculo, só pode ser explicada por meio da enunciação, entendida como interação verbal entre sujeitos sócio-históricos e ideologicamente constituídos.

Tendo isso em vista, há que se considerar que todo discurso dialoga com discursos anteriores, toda linguagem possui “ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 1997, p. 300). Assim, tratando do *post* em questão, temos, de um lado, um discurso ultraconservador, que prega valores “morais” baseados em suas experiências pessoais e coletivas, as quais, muitas vezes, são embasadas em discursos religiosos – aqui no Brasil, principalmente, nos discursos das religiões cristãs (católicas e protestantes, em sua maioria), as quais, majoritariamente, são contra movimentos feministas. Do outro lado, temos um grupo consciente dos desafios enfrentados pelas mulheres que seguem firmes na luta pelos seus direitos, tais como a descriminalização e legalização do aborto, e o direito de possuir autonomia sobre o próprio corpo, sem interferência do Estado nas decisões sobre ele, assuntos que seguem como tabus na sociedade hodierna.

#### 4 Considerações (não) finais

Diante do exposto, foi possível chegar à conclusão de que a enunciação nas mídias digitais entrega muito mais ferramentas de feitura e recepção de discursos aos seus enunciadores e interlocutores. Com o leque de possibilidades que as multifacetadas do mundo digital ofertam aos usuários de redes sociais como o *Facebook*, a manifestação de um discurso em forma de texto pode se dar de forma muito mais rica em forma e conteúdo, sem deixar, no entanto, que a complexidade das postagens prejudique o entendimento do indivíduo, uma vez que todas as estratégias utilizadas para concretizar um enunciado acabam servindo para um único propósito comunicativo.

Confirmamos que o *Facebook*, por conta de sua grande popularidade, é um ambiente excelente para se desenvolver uma pesquisa. Com seu alto contingente de usuários, ela conta com uma base sociocultural extremamente produtiva para estudos de Linguagem e(m) Sociedade.

Ratificamos, também, com o nosso trabalho, a afirmação de Faraco (2009), o qual diz que nossas palavras não “tocam” as coisas, mas entranham-se na camada de discursos sociais que revestem as coisas; e a teoria do Círculo de Bakhtin de que qualquer enunciado é ideológico e expressa uma posição avaliativa.

Vimos, ainda, que o dialogismo tem como base o caráter ideológico do discurso, e que a interação ocorre por meio da produção e da compreensão/recepção ativa do texto/enunciado, haja vista que o dialogismo é resultado de um embate de vozes, algo que ocorre com frequência nas mídias digitais.

Para além disso, concluímos que as práticas discursivo-ideológicas encontradas no mundo virtual nos possibilitam abordá-las de formas menos tradicionais do que as mais

comuns, como o estudo das formas e/ou do código intrassistêmico da língua. Assim, podemos enxergar os sujeitos sociais se constituindo e constituindo sentidos sempre por meio dos discursos.

## Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Baum, Christina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Trad. PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Original de 1979).

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CORTES, G. R. O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica**. Tese (Doutorado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação, 2015.

COSTA, S. M. **Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. *In.*: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (orgs.). **Discursos em rede: práticas (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. *In.*: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1969, p.61-161.

QUEIROZ, I. A. O conceito de arquitetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO)**, v. 46, n. 2, p. 625-640, 2017.

RODRIGUES, A. L.; XAVIER, M. M. Nas trilhas do discurso: as contribuições de Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux. **Revista Saridh**, v. 1, p. 67-90, 2019.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. *In.*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas e construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2009.